

DANÇAS DE SALÃO NAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRAS: DELINEAMENTOS ENTRE OS CONHECIMENTOS COTIDIANO E CIENTÍFICO NA PRODUÇÃO DE REDE DE INTERDEPENDÊNCIA NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL

Neil Franco¹

Valério Alexandre Souto dos Santos²

Karolina Silva Santiago³

Resumo: Problematicamos o lugar ocupado pelas Danças de Salão (DS) nas Instituições de Ensino Superior (IES) públicas brasileiras, entre 2017 e 2022. Trata-se de uma pesquisa de abordagem quanti-qualitativa estruturada sob a correlação de fontes bibliográficas e documentais. De 283 IES, em 51 delas identificamos 80 ações voltadas para as DS, em que 62 configuravam-se como extensão universitária. Vinte e nove das ações se vinculam à área de Educação Física destacando as vertentes da saúde e do lazer. Quarenta e seis das 80 ações tem como foco específico as DS, evidenciando o atendimento a jovens, adultos e idosos, assumindo uma cronologia entre 1993 e 2023, com ações com duração de 01 dia a 30 anos. As DS delineiam configurações sociais marcadas por uma rede de interdependência entre sujeitos e conhecimentos do cotidiano e da ciência, que adentram as IES públicas brasileiras e propõem a produção de saberes nas dimensões formais e não formais da Educação.

Palavras-chaves: dançar a dois; ensino superior; extensão universitária.

-
- 1 Doutor em Educação. Docente do Departamento de Ginástica e Arte Corporal da Faculdade de Educação Física e Desportos e Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Juiz de Fora.
 - 2 Possui graduação em educação física pela Universidade Federal de Viçosa (1999). Possui especialização em Educação e diversidade pela FAGED/UFJF (2007). Atualmente é Tutor à distância do curso de - Educação Física Escolar - UAB/UFJF. Mestrando do curso ProEF-5 em Educação Física Escolar no IFSULDEMINAS - MUZAMBINHO. Professor de Educação Física na Prefeitura Municipal de Juiz de Fora e na cidade de Três Rios pelo Estado. Porém se encontra reabilitado, e desenvolve atividades de apoio e suporte pedagógico nas instituições escolares descritas acima de forma que assume: Apoio à administração da escola Municipal de Juiz de Fora; e articulador pedagógico atuando em sala Maker no Colégio Estadual de ensino médio da cidade de Três Rios.
 - 3 Cursando Mestrado em Educação na Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada e Licenciada em Educação Física pela UFJF.

-- ARTIGO RECEBIDO EM 11/02/2026. ACEITO EM 03/08/2026. --

BALLROOM DANCES IN BRAZILIAN HIGHER EDUCATION INSTITUTIONS: DELINEATIONS BETWEEN EVERYDAY AND SCIENTIFIC KNOWLEDGE IN THE PRODUCTION OF INTERDEPENDENCE NETWORK IN FORMAL AND NON-FORMAL EDUCATION

Abstract: We problematize the place occupied by Ballroom Dancing (BD) in Brazilian public Higher Education Institutions (HEIs), between 2017 and 2022. This is a quantitative-qualitative approach research structured under the correlation of bibliographic and documentary sources. Of 283 HEIs, in 51 were identified 80 actions aimed at BD, of which 62 were configured as university extension. Twenty-nine of the actions are linked to the area of Physical Education, highlighting the aspects of health and leisure. Forty-six of the 80 actions focus on BD, highlighting care for young people, adults and the elderly, assuming a chronology between 1993 and 2023, with actions lasting from 01 day to 30 years. BD outlines social configurations marked by a network of interdependence between subjects and knowledge of everyday life and science, which enter Brazilian public HEIs and propose the production of knowledge in the formal and non-formal dimensions of Education.

Keywords: dancing as a couple; university education; university extension.

1 INTRODUÇÃO

Não diferente de qualquer outro fenômeno histórico, a dança não isentou a delimitação de expressões mais ou menos valorizadas social e culturalmente no campo da arte, ocupando um lugar secundário comparado às artes visuais, musicais e teatrais (Faro, 2004; Marques, 2003, Bourcier, 2001). Contudo, observamos na história da dança a prevalência das danças teatrais (o balé e as danças moderna e contemporânea) como “significado” da dança como fenômeno artístico universal (Fahlbusch, 1990; Camargo, 1994, Marques, 2003; Tadra, 2009), restando às danças oriundas da cultura popular ou tradicionais (étnicas, folclóricas, urbanas, de salão, etc.) um lugar subalterno, sendo, em vários momentos, interpretadas como distantes do conceito universal de arte e de cultura.

No processo de evolução histórica a dança é apresentada por Faro (2004) em três formas: étnica, folclórica e teatral. Nisso, as Danças de Salão (DS) – foco deste estudo – são classificadas como descendente das danças populares, com isso, seriam o principal elo entre as danças folclóricas e teatral, todavia, segundo o autor, foram deslocadas propositalmente da história da humanidade em razão de seu caráter popular e folclórico.

A gênese das DS é situada como fenômeno nascido na nobreza europeia a partir da Idade Média quando a igreja católica diminuiu a restrição do que era interpretado como pecado ou pagão. A valsa vienense é a mais antiga das DS tradicionais que, dançada aos pares em contato íntimo, encantava a sociedade medieval como também sofreu proibições por infringir os bons costumes e as normas de decência. Por ser originária das danças campestres e folclóricas, no século XVI a aristocracia francesa abandonou sua prática por sua estreita relação

com a cultura plebeia, retomando a bailar a valsa posteriormente (Ried, 2003). Esse fato possivelmente justifica a afirmativa de Faro (2004) em relação às DS como o principal elo entre danças folclóricas e a dança teatral (o balé), contudo, esquecida no contexto histórico. Outro aspecto seria porque nesse período de transição de classes sociais a burguesia estava em ascensão e a valsa era praticada nos salões burgueses, confrontando os bons costumes impostos pela aristocracia, ao mesmo tempo em que mantinha o bom gosto, comportamento refinado e o ambiente elegante, diferenciando-a da classe popular (Elias, 1994; Ried, 2003).

Este processo demarcou o aparecimento das danças sociais como forma de pertencimento de classe: a aristocracia praticava as danças da corte e o povo as danças folclóricas. As danças sociais representavam todas as formas de “dançar em companhia”, atividade que conduzia à interação social, estando incluídas as danças da corte, folclóricas e de roda. Denominadas como subcategoria das danças sociais, as DS eram atividades interativas dançantes realizadas nos salões de baile nobres e requintados (Ried, 2003).

Devido ao trânsito naval que alavancou a estruturação da sociedade moderna entre os séculos XIX e XX propiciando divulgações e trocas de conhecimentos pelos continentes do mundo, variadas desenhos de expressões culturais também alcançaram novas moradas, se mesclando a outras manifestações já existentes, tornando-se outras. As DS seguiram este fluxo resultando em uma gama de possibilidades de dançar a dois representando a história, a cultura e a estrutura organizacional de cada sociedade (Volp, 1995; Ried, 2003; Paula, 2008), interligando-as, gerando “redes de interdependências” unindo seres humanos entre si, produzindo “configurações” (Elias, 1994).

Norbert Elias (1994, p. 249) quem nos leva a essa interpretação ao inferir sobre as DS como exemplo evidente de “configuração”, fenômeno que se processa pela parcialidade de dependência que as pessoas produzem em suas interações que inicialmente se realizam pela ação da natureza e, a seguir, são construídas pelas formas sociais de aprendizagem, pela educação e pela socialização. O autor menciona “necessidades recíprocas socialmente geradas” que tomam forma existencial como “pluralidades” ou “configurações”.

Nessa perspectiva das DS como pluralidades ou configurações (Elias, 1994), no contexto mais amplo a dança vem assumindo reconhecimento social, cultural e científico, sendo as Instituições de Ensino Superior (IES) um espaço de representatividade neste processo uma vez que essa manifestação humana integra o currículo de formação profissional em grandes áreas de conhecimento como as Ciências Humanas e da Saúde, com destaque para subáreas como Educação Física (EF), Dança, Comunicação, Educação etc. Assim, a pesquisa tem como questão norteadora: quais configurações delineiam o lugar ocupado pelas DS nas IES públicas brasileiras?

A justificativa de relevância deste estudo se sustenta em publicações que apontam a escassez de interesse investigativo sobre as DS com enfoque na dança no sentido mais amplo, destacados por Pacheco (1999), Medina e Mendes (2007)

e Santiago e Franco (2015), assim como naqueles especificamente sobre as DS, dos quais citamos Zamoner (2010), Vecchi e Gama (2012), Franco (2024) e Paiva (2023). A relação entre DS e IES não foi foco desses estudos, tampouco evidências sobre essa temática foram destacadas naqueles que propõem a realização de revisões bibliográficas, o que resguarda a importância de nossa proposta que, partindo da correlação de fontes bibliográficas e documentais, objetivou descrever, investigar e problematizar o lugar ocupado pelas DS nas IES públicas brasileiras, tendo como recorte temporal o período entre 2017 e 2022.

Apresentados os delineamentos introdutórios, seguem as seções referentes à metodologia; descrição, análise e discussão dos dados; considerações finais e referências.

2 METODOLOGIA

A abordagem quanti-qualitativa de pesquisa foi o que adotamos, colocando em suspensão a dicotomia positivista x interpretativo, quantitativo x qualitativo, optando por um “modelo alternativo de pesquisa” em que dados numéricos e suas interpretações abrem caminhos para a compreensão do fenômeno estudado (Günter, 2006): o lugar ocupado pelas DS nas IES públicas brasileiras. Caracteriza-se como uma pesquisa indireta por utilizar de “[...] informações, conhecimentos e dados já coletados por outras pessoas e demonstrado de diversas formas, como documentos, leis, projetos, desenhos, livros, artigos, revistas, jornais etc.” (Mattos, Rossetto Júnior; Blecher, 2008, p. 37).

Partindo desses conceitos, o estudo seguiu o seguinte trajeto: 1) levantamento das IES públicas brasileiras destacando as cinco regiões do Brasil; 2) elencar ações votadas para as DS desenvolvidas nessas IES; 3) descrever e analisar e discutir, quanti e qualitativamente, sobre como as DS se inserem no contexto dessas IES, entre o período de 2017 e 2022.

Sustentamo-nos na correlação de fontes bibliográficas e documentais. Como fontes bibliográficas, fundamentamo-nos em autores/as que se dedicam ao estudo das danças no contexto mais amplo e para as descrições, análises e discussões de nosso foco mais específico utilizamos de estudos que abordam as DS, assim como teorizações do sociólogo Norbert Elias em relação ao conceito de configurações sociais.

Para a construção das fontes documentais inicialmente acessamos o site do E-MEC (Brasil, 2023) buscando pelas 05 regiões do Brasil as IES públicas (estaduais e federais) cadastradas. Identificamos 283 IES das quais investigamos em suas páginas virtuais indícios de ações voltadas para as DS envolvendo as dimensões do ensino, da pesquisa e/ou da extensão.

Assim, no primeiro momento, acessamos as páginas de cada uma das 283 IES lançando em seus ícones de busca os seguintes descritores: “dança de salão”, “bolero”, “forró”, “samba”, “tango”, “valsa”, “bachata” etc. Em seguida, utilizamos do descritor geral “dança”, com o intuito de ampliar o leque de possibilidades

na esperança de que pudessem emergir outras informações que nos conduzissem ao procurado. Nossa experiência sobre o tema já nos sinalizava que a extensão universitária seria o campo mais propício para a identificação desse conteúdo, portanto, quando das buscas, um olhar mais específico foi realizado junto às Pró-reitorias de Extensão (PROEX), o que, na maioria das vezes, foi frustrante em razão da deficiente organização de registros de tais ações.

Frequentemente identificamos registros de ações de DS nos links de notícias das IES, mas que não eram disponibilizados nas páginas específicas das PROEX. Algumas ações foram identificadas somente através de editais de homologação de resultados, o que foi um dado também considerado para a pesquisa.

Mediante essa escassez de registros de ações na maioria das páginas virtuais das IES, optamos por buscas complementares no *Google* e *Google* acadêmico com o propósito de encontrar sites e páginas eletrônicas, assim como investigamos mídias sociais como o *Instagram* e o *Facebook*. Para tal, expressões como “dança de salão na [nome da IES]” e “dança na [nome da IES]” foram utilizadas, da mesma forma que utilizamos de outras expressões gerais como “projeto de dança de salão na universidade”, “forró na universidade”, “samba na universidade” etc. Essa estratégia de busca foi bastante satisfatória, nos conduzindo a informações não disponibilizadas em algumas páginas das IES.

O processo de levantamento das fontes documentais foi realizado entre março e outubro de 2023, proporcionando o acesso a 80 ações voltadas às DS vinculadas a 51 IES públicas brasileiras, como vê-se a seguir nas descrições, análises e discussões.

AS DS NAS IES PÚBLICAS BRASILEIRAS: REDE DE INTERDEPENDÊNCIA NA EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL

Em consulta ao site do e-MEC (Brasil, 2023), os dados detalhados no Quadro 01, levantados em 2023, representando as 05 regiões do Brasil, evidenciam um total de 283 instituições, sendo 143 federais e 140 estaduais.

Quadro 01 - IES por regiões do Brasil

Região	Estados	IES Federais	IES Estaduais	Total IES
Sul	03	18	11	29
Sudeste	04	47	102	149
Nordeste	09	34	16	50
Centro-oeste	04	26	06	32
Norte	07	18	05	23
Total	27	143	140	283

Fonte: e-MEC (Brasil, 2023)

Dentre as 283 IES, 51 delas (18%) ofereciam ações voltadas para as DS entre 2017 e 2022, sendo a maioria dessas ações realizadas nas IES de rede federal, 38 (74,5%), como descrito no Quadro 02.

Quadro 02 - Relação IES públicas e oferecimento de ações em DS

Região	Sul	Sudeste	Centro-oeste	Nordeste	Norte	Total
IES federais	03	11	07	07	10	38
IES estaduais	02	04	02	04	01	13
Total	05	15	09	11	11	51

Fonte: Autores/as (2023)

O Quadro 03 evidencia as 80 ações com enfoque em DS vinculadas às 51 IES brasileiras, descrevendo as IES por região do Brasil e o título das ações.

Quadro 03 - Ações de DS e IES por região do Brasil

Região Sul	
IES	Ação
UEM	Festival de Danças Folclóricas e de Salão*
UENP	Projeto de Desenvolvimento Humano por meio de Atividades Físicas e Esportivas – (Pro-DHAFE)*
UFPR	Projeto Clube da dança
UTFPR	Oficina Dança de Salão: Forró e Sertanejo”
UFFS	Projeto institucional Bolsa Cultura*
UFFS	Projeto Quinta Dançante: danças gaúchas, forró e dança moderna*
Região Sudeste	
IES	Ação
UFES	Projeto Forró Pé-de-Serra na UFES / Campus Alegre
UEMG	Projeto Pleno Viver - Aulas de Dança de Salão
UNIMONTES	Projeto Teatro Universitário (TU) Dança De Salão – oficina
UNIFAL	Projeto UNIFAL SEM ESTRESSE - Arte de salão
UNIFEI	Grupo Forró de segunda
UFJF	Movimente: Projeto Educando corpo e mente: a dança de salão na promoção da saúde da família
UFJF	Projeto Pés de Valsa: danças de salão UFJF
UFJF	Projeto Espetáculo Itinerante: a história das danças de salão
UFJF	I Festival Pés de Valsa
UFJF	Curso Conversando sobre danças de salão - online
UFJF	Curso Danças de salão: online
UFJF	II Festival Pés de Valsa

UFLA	Curso de Forró - Grupo Dança, Compasso e Movimento - DCM
UFMG	Projeto Atividade de Dança De Salão
UFMG	Curso Tango e samba: desconstruindo estereótipos - curso
UFMG	Projeto Dança de Salão no ICEX
UFOP	Projeto Forró de Ouro - Dança, Saúde e Movimento
UFSJ	Projeto Universidade do forró
UFV	Projeto Dança de salão nas moradias
UERJ	Oficina de Dança de Salão
UFF	Projeto Dança UFF: dança de salão
UFRRJ	Cia de dança da UFRRJ*
UNICAMP	Oficina de extensão “Quero ser seu par: dança de salão com Saúde”
UNICAMP	Projeto Samba na casa do galo
Região Centro-Oeste	
IES	Ação
ESAF	Ginastica Laboral e Dança de Salão*
IFG	Projeto Um, dois, três, bate: na batida do forró
UFG	Minicurso: dança de salão - forró
UFJ	Programa segundo tempo - Aulas de dança de salão para terceira idade*
IFMT	Projeto IFMT em movimento: dança de salão
UFMT	Projeto Conexão Araguaia: formação em dança de salão
UFMT	Projeto Centro de Dança, Ação e Comunidade (CEDAC)*
UFMT	Programa segundo tempo*
UNEMAT	Projeto de extensão: Cultura corporal: ações voltadas às crianças referenciadas ao Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), de Diamantino- MT*
UFGD	Programa de Monitoria Lazer e Esporte e a Associação dos Servidores da Universidade (ASSUFGD)*
UFGD	Projeto Grupo Travessias*
UFGD	Projeto Atendimento Multidisciplinar para o Envelhecimento (AME)*
UFGD	Oficinas Culturais*
UFMS	Projeto Dança de Salão UFMS
UFMS	Projeto Dança Comigo na UFMS
Região Nordeste	
IES	Ação
UEFS	Universidade Aberta a terceira idade (UATI)*
UESC	Universidade Aberta a terceira idade (UATI)*
UESB	Curso de extensão em dança de salão - Programa de Extensão Universidade Aberta a Todos*
UFC	Projeto Fazerarte*

UFC	Projeto Dançar faz bem*
UFC	Projeto EDUCADANCE*
UECE	Projeto NUDAL –Núcleo de danças e lutas*
IFCE	Projeto dançar é viver
IFCE	Projeto dançar é lazer (presencial)
IFCE	Projeto dançar é lazer (online)
IFCE	Projeto Vem dançar: forró
UFPB	Projeto Dançando no Castelo: forró e samba
UNIVASF	Projeto Dançando no velho chico
UFPI	Programa terceira idade em ação (PTIA)*
UFERSA	Oficina de dança de salão
UFRN	Projeto Dançando forró na UFRN
Região Norte	
IES	Ação
IFAC	Oficina de Dança de Salão
UFAC	Projeto quem dança é mais feliz*
UFAC	Projeto Companhia de Dança*
UFAM	Programa Parentins N’Ativa* - oficinas e aulas de DS
UFAM	Projeto Rosas danças de salão – 2018 – centro de artes
UFAM	Programa de Dança, Atividades Circences e Ginástica (Prodagin)*
UNIFAP	Projeto de extensão PROESPOL: pró estudante, esporte e lazer*
UFOPA	Projeto Dança Santarém*
UFPA	Projeto Dance e recrie o mundo*
UFPA	Projeto De bem com a Vida - ação Dançar é vida e saúde*
UFRA	Programa UFRA saudável*
UFRA	Seção de Esporte e Lazer (SEL)*
UERR	Curso Bailando com a Vida: a dança de salão na terceira idade
IFRO	Aula de Bachata
IFTO	Projeto Em ritmo de dança*
IFTO	Projeto Incentivo a dança de salão em casa: uma alternativa de cuidado com a saúde física e mental em tempos de pandemia
UFT	Programa Qualidade de vida da UFT*
UFT	Projeto Vem dançar dança de salão
UFT	Projeto UFT em Movimento* oficinas-aulas de DS

* Ações em que as DS são parte de um rol de atividades oferecidas.

Fonte: Autores/as (2023)

Sessenta e duas (77,5%) das ações de DS foram cadastradas como extensão universitária, enquanto 18 (22,5%) encaixam-se a outras vertentes relacionadas a programas ou projetos institucionais, oficinas, minicursos, aulas, atividades vinculadas ao ensino, à pesquisa ou a setores administrativos das instituições, como descrito no Quadro 04.

Quadro 04 - Tipo de Ação

Categoria	Sul	Sudeste	Centro-oeste	Nordeste	Norte	Total
Ação de Extensão	02	21	08	15	16	62
Outras ações	04	03	07	01	03	18
Total	06	24	15	16	19	80

Fonte: Autores (2023)

Silva (2000) define a extensão como a articulação entre o ensino e a pesquisa com as demandas da sociedade, desencadeando proximidade entre sociedade e universidade. Assim, a extensão se justifica pela sua qualidade de relevância social, assumindo uma posição de “plano social da universidade”. Neste sentido, extensão não é ensino e nem pesquisa, sendo incoerente a tentativa ou interpretação dessas dimensões da Universidade serem substituídas ou compensadas pela extensão, como visto e praticado em diversas IES ao longo dos tempos.

Atualmente, temos como princípios norteadores da extensão universitária brasileira: “i) a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão; ii) a interação dialógica com a sociedade; iii) a inter e a transdisciplinaridade como princípios organizadores das ações de extensão; iv) a busca do maior impacto e da maior eficácia social das ações; v) a afirmação dos compromissos éticos e sociais da universidade.” (Paula, 2013, p. 21-22).

Quando Silva (2000) e Paula (2013) ressaltam especialidades da extensão universitária invocando expressões como articulação, proximidade, interação dialógica, inter/transdisciplinaridade, eficácia social e compromissos éticos e sociais, estabelecem paralelos com a perspectiva das inerentes interdependências entre os sujeitos na constituição do mundo social da qual Elias (1994) descreve como configurações, aqui expressadas pela relação entre DS e extensão universitária, já que é a dimensão da universidade que prevalece quando quantificamos as ações delineadas no levantamento. Por essa via, inferimos que as DS instigam a geração de necessidades sociais recíprocas nas interações entre o ensino, a pesquisa e a extensão (Elias, 1994).

Como descrito no Quadro 05, das 80 ações sobre DS evidencia-se a modalidade de projeto, com 50 ações, seguida de oficina/minicurso/aula com 12 propostas, destacando que nessa categoria somente 02 foram realizadas em um único dia (uma aula de bachata e um minicurso de forró). Encontramos 08 Programas institucionais em que as DS integravam suas atividades em forma de oficinas e/ou aulas. Isso nos indica que não há evidências de um Programa que integrasse diversas

ações específicas em DS nas IES, mas que as DS exaltam a “pluralidade” como forma existencial (Elias, 1994) pela via de aulas, oficinas, festivais, minicursos, cursos, grupos/Cia, projetos e programas.

Quadro 05 - Modalidade de Ação

Ação/Região	Sul	Sudeste	Centro-oeste	Nordeste	Norte	Total
Festival	01	02	-	-	-	03
Oficina/Minicurso/aula	01	02	03	03	03	12
Grupo/Cia	-	02	-	-	-	02
Curso	-	04	-	01	01	06
Projeto	04	14	09	11	11	49
Programa	-	-	03	01	04	08
Total	06	24	15	16	19	80

Fonte: Autores/as (2023)

Ressalta-se que o maior número de ações, 24 (30%), estão sediados em IES da região sudeste, seguido de 19 (23,7%) na região norte, curiosamente as regiões que alojam, respectivamente, o maior e o menor número de IES brasileiras – como descrito no Quadro 01. O alto o número de IES na região sudeste se deve à prevalência de 83 Institutos Tecnológicos do estado de São Paulo, contribuindo para que esta seja uma das duas regiões (sudeste e sul) de maior índice econômico e de investimento, ressoando nas suas instituições e pesquisas por elas desenvolvidas. Essas regiões são também beneficiadas com melhores perspectivas de políticas públicas e sociais (Sidone; Haddad; Mena-Chalco, 2016), refletindo também, o que detalharemos adiante, no aspecto artístico-cultural.

Quadro 06 - DS como foco de ação

Categoria	Sul	Sudeste	Centro-Oeste	Nordeste	Norte	Total
DS foco específico	01	23	06	08	07	45
DS foco secundário	05	01	09	08	12	35
Total	06	24	15	16	19	80

Fonte: Autores/as (2023)

As informações do Quadro 06 ressaltam que as DS são foco específico da maioria das 80 ações, em 45 delas (56%). Nas demais, 35 (44%), as DS partilham espaços com outras modalidades, em especial, relacionadas ao campo das práticas de atividades físicas e de lazer, aspecto que será discutido nas próximas linhas.

O Quadro 07 descreve os dados que nos levaram a alterar a trajetória do estudo. Inicialmente a proposta era de nos determos no universo da EF e da Dança. Não foi evidenciado nenhuma iniciativa de ações voltadas para as DS (extensão

ou não) vinculada a unidades, cursos ou faculdades de Dança nas IES brasileiras entre 2017 e 2022. Temos o registro de uma aula de bachata oferecida em 2017, mas vinculada a ação Núcleo Experimental de Danças (NED) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia (IFRO), Campus Porto Velho Calama. Em busca por outras fontes, apenas encontramos na biografia de Franco (2023) a menção a participação de um minicurso de DS oferecido em 1993, na XII Oficina Nacional de Dança Contemporânea do curso de Dança Afro da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O autor destaca este minicurso como o fator que o despertou a se interessar pelas DS.

Entretanto, como observado, a EF sobressai como área de vínculo das ações de DS, 29 delas (36%), o que não quer dizer que estudantes ou profissionais dessa área não integrem as equipes das 12 ações vinculadas a Pró-Reitorias de Extensão e demais propostas que não apresentam as identificações de suas equipes nos documentos que tivemos acesso.

Quadro 07 - Área de vínculo das Ações

Área proponente	S	SE	CO	NE	N	Total
Educação Física	02	09	09	04	05	29
Curso de Gestão Desportiva e de Lazer	-	-	-	02	-	02
Saúde	-	02	-	-	02	04
Pró-Reitoria de Extensão	-	03	01	04	04	12
Universidade Aberta da 3ª idade	-	01	-	-	-	01
Pró-Reitoria Estudantil	-	01	-	-	-	01
Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas	-	-	-	01	-	01
Programa Segundo Tempo	-	-	01	-	-	01
Educação	-	01	-	-	-	01
Arte e cultura	01	02	-	01	02	06
Administração	-	-	01	-	-	01
Departamento Física e Química	-	01	-		-	01
Instituto Engenharia Mecânica	-	02	-	01	-	03
Instituto de Ciências Exatas	-	01	-	-	-	01
Física	-	-	-	-	01	01
Matemática	01	-	01	-	-	02
PPG em Métodos Numéricos em Engenharia	01	-	-	-	-	01
Engenharia de Produção	01	-	-	-	-	01
Núcleo Experimental de Danças (NED)	-	-	-	-	01	01
Departamento de língua de Sinais	-	-	-	01	-	01
Departamento de Filosofia e Ciências Humanas	-	-	-	01	-	01
Agronomia	-	-	-	-	01	01
Sem vínculo com IES	-	01	-	-	-	01
Não identificado	-	01	01	01	04	07
Total	06	24	14	16	20	80

Fonte: Autores/as (2023)

Essas informações confirmam que a dança, como tema da cultural corporal, historicamente assume reconhecimento social, cultural e científico pela via da EF (Coletivo de autores, 1992), uma vez que, mesmo de forma insipiente, integra sua grade curricular nos cursos de formação superior. Da mesma forma, como nos conta Paiva (2022), a formação em EF tem sido há longas décadas o caminho possível para o reconhecimento profissional de professores/as de dança no sentido mais amplo, assim como no estudo em pauta, para atuação na área das DS.

Tais informações nos instigaram a questionar possíveis motivos da ausência de ações em DS vinculadas a área de Dança. Retomamos a plataforma do e-MEC (Brasil, 2024) para levantar as IES que ofereciam cursos superiores em Dança no contexto nacional nas vertentes públicas e privadas, o que nos levou a produzir o Quadro 08.

Quadro 08 - Curso de Dança por região

Regiões	IES federais	IES estaduais	IES privada	Total
S	UFRGS, UFSM e UFPEL	UNESPA=R e UERGS	PUCPR, UniEnsiono, FURB, UNIVALI, HORUS, UCS e UNISSELVI*	12
SE	UFMG, UFU e UFV	UNICAMP	UCAM, FAV, UVA, FSCS, UNISO, FPA e UNISELVI	10
CO	IFB, IFG e UFG	UEMS	UNIASSELVI	04
NE	UFAL, UFBA, UFC, UFPB, UFPE, UFRN e UFS	UESB	UNISSELVI	08
N	UFPA	UEA	UNIASSELVI	02
Total	17	06	13	36

* A UNISSELVI foi numericamente representada uma única vez por atender a todas as regiões brasileiras.

Fonte: e-MEC (Brasil, 2024).

Ainda que cursos de formação superior em EF sejam a prevalência no contexto nacional, o e-MEC (Brasil, 2023) nos indica 36 cursos de formação superior em Dança em todo o país, prevalentemente nas regiões sul e sudeste com ênfase em IES privadas. Destaca-se ainda para todos os Estados a graduação em Dança à Distância (EAD) oferecida pela IES privada Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI). Ao relacionarmos os dados do Quadro 08 com os dados do Quadro 03 verificamos que das 51 IES que ofereciam ações de DS, entre 2017 e 2022, em 09 delas havia formação superior em Dança, sendo: UFMG, UFV e UNICAMP na região sudeste, IFG, UFG e UEMS na centro-oeste, UFPB e UFRN na nordeste e UFPA na região norte.

Essas informações nos conduzem a duas proposições iniciais que carecem de estudos mais específicos: um restrito interesse em relação a danças de cunho popular pelos cursos superiores em Dança vinculados a essas IES e/ou, por outro lado, a falta

de disponibilização de informação sobre ações de DS nas páginas virtuais dessas instituições ou em mídias eletrônicas das quais realizamos nossas buscas.

Por outro viés, nossos achados contam de uma interessante veiculação de ações voltadas para as DS em uma variedade de áreas de conhecimento. Seis ações se vinculam a área de Arte e cultura, a terceira maior indicação, o que representa que as DS parecem atender anseios vinculados a manifestações artísticas. Para além da prevalência da área da Ciências da Saúde, o Quadro 07 nos apresenta também diversas subáreas vinculadas às Ciências Exatas e da terra (Física e Química), Engenharias (Mecânica, de Produção e PPG em Métodos Numéricos em Engenharia), Ciências Humanas (Educação e Departamento de Filosofia e Ciências Humanas), Agrárias (Agronomia), Ciências Sociais aplicadas (Administração), Linguística, Letras e Artes, como é o caso da ação vinculada ao Departamento de Língua de Sinais etc.

Considerando que as IES têm como foco a educação, seja no âmbito formal e/ou não formal (Gadotti, 2005), para entender essa diversidade de áreas de conhecimento atuando com as DS nos remetemos às teorizações de José Arney (1998) em relação ao conhecimento escolar. Para o autor o conhecimento escolar é elaborado a partir das correlações, ou redes de interdependências (Elias, 1994), existentes entre os conhecimentos cotidianos e científicos. Todavia, ressalta-se a vulgarização do primeiro em detrimento do segundo, motivada pela hierarquização da ciência, considerada a primeira instância de valor e verdade. Nessa reflexão, as DS representam o conhecimento cotidiano desvalorizado quando comparado ao conhecimento científico pautado na perspectiva das danças teatrais (Faro, 2004).

Entretanto, o conhecimento cotidiano é compreendido como a base estrutural do conhecimento escolar e científico, construídos a partir das redes de interdependências entre seres humanos na constituição e na transformação do mundo, produzindo configurações sociais, resultando em um fator significativo e gerador das diversas formas de conhecimento (Elias, 1994; Arney, 1998). A variedade de áreas trabalhando com as DS nas IES exaltam essa percepção, uma configuração social que rompe com os limites que demarcam o que é cotidiano e científico.

Teóricas precursoras dos estudos sobre DS já anunciavam essa configuração ao descrevê-las como modalidades dançadas a dois e em contato corporal, por meio de passos que acontecem harmoniosamente em relação ao acompanhante e à música. São comumente praticadas em reuniões sociais diversas, podendo ou não estarem associadas a um aspecto técnico e ao desempenho (Volp; Deutsch; Schwartz, 1995; Volp, 2010). Ao serem levadas essas práticas cotidianas para as IES, no ensino, na pesquisa ou na extensão, na vertente educacional formal ou não formal, esse movimento inspira-nos entender as DS como:

[...] uma forma de linguagem que partilha de inúmeros vocábulos que ainda conhecemos pouco, mas dançamos muito. Talvez seja esse seu aspecto mais importante. Ela nos encanta por caminhos que ultrapassam os limites da racionalidade, do politicamente correto, do planejado. Como diria a classe intelectual, é um fenômeno multifacetado – com muitas faces que se

misturam, se mesclam, entrelaçam e confundem as pessoas que a contemplam (Franco *et al.*, 2024, p. 57).

Isso nos leva a entender que, como nos explica Elias (1994), tal como todas as demais configurações sociais, a da dança é relativamente independente dos indivíduos específicos que a formam aqui e agora, mas não de indivíduos como tais. Seria absurdo dizer que as danças são construções mentais abstraídas de observações de indivíduos considerados separadamente.

Entender as vertentes para quais as ações de DS se destinam foi outro foco importante a ser problematizado. Ried (2003) classifica 03 vertentes de atuação em DS: saúde, lazer e esportiva. Ao realizarem revisão sistemática sobre as DS em periódicos específicos da EF, Franco *et al.* (2022) acionaram outra vertente, a educação. Para o estudo em pauta, além dessas quatro, os dados exaltaram mais três, arte e cultura, social e “não identificado”, como pode ser visto no Quadro 09, a seguir.

Em quatro das 80 ações não conseguimos identificar as vertentes, enquanto em outras, ainda que não anunciadas, seus vieses foram elencados a partir das descrições disponibilizadas. Importante destacar que mais de uma dessas vertentes foram identificadas em uma só ação, resultando em 127 indicações.

Quadro 09 - Vertente das DS das Ações

Vertente	Sul	Sudeste	Centro-oeste	Nordeste	Norte	Total
Saúde	02	11	08	06	09	36
Lazer	03	14	06	01	09	33
Arte e Cultura	01	11	04	10	05	31
Educação	01	07	05	04	01	18
Social	02	01	-	-	02	05
Não especificado	-	01	02	-	01	04
Esporte	-	-	-	-	-	-
Total	09	45	25	21	27	127

Fonte: Autores/as (2023)

As vertentes da saúde e do lazer assumem papel expressivo junto as ações de DS realizadas nas IES brasileiras, 36 (28,3%) e 33 (26%) indicações respectivamente, aproximando-as ainda mais da EF, considerando que essa formação assume forte vínculo com o campo das Ciências da Saúde e, concomitante a ela, o lazer, envolvendo diversas possibilidades de sua atuação profissional. Há um distanciamento do campo do Esporte, o que revela que a DS competitivas ainda é uma modalidade pouco destacada no contexto acadêmico, aspecto confirmado por Franco *et al.* (2022) que ao pesquisarem as DS em periódicos da EF somente 02 artigos se referiam à dimensão esportiva num total de 22 publicações levantas. Ainda que com baixa indicação, a Educação é uma das vertentes relacionadas com as ações específicas de

extensão, na maioria das vezes propondo ações de educação corporal por meio da dança e, em casos mais específicos, espaço de formação profissional. Lembramos também que, pelo fato da extensão universitária assumir uma configuração de interdependência entre as dimensões humanas da universidade e da sociedade (Elias, 1994), evidencia-se claramente práticas pedagógicas relacionadas à educação não formal.

Gadotti (2005) define a Educação formal como representada por escolas e universidades pautada em objetivos claros e específicos. Dependente do currículo, que consiste de uma diretriz educacional centralizada, fundamenta-se em hierarquias e burocracias definidas por órgãos nacionais responsáveis pela Educação. De caráter mais difuso e menos burocrático e hierarquizado, a Educação não formal não se prende a um sistema sequencial e burocrático de progressão. Consiste em um processo sistemático e organizado de ensino e aprendizagem que ocorre, muitas vezes, fora do sistema formal de ensino enfocando necessidades singulares de subgrupos ou comunidades específicas. ONGs, academias, igrejas, clubes, sindicatos, partidos, a mídia, associação de bairros, escolas e IES, seriam espaços em que a Educação não formal se processa. A flexibilidade do tempo de aprendizagem é uma característica importante da Educação não formal que privilegia as diferenças e capacidades de cada um/a, da mesma forma que se faz flexível na criação e recriação de seus múltiplos espaços; o que se aproxima do que Elias (1994) define como configurações ou pluralidades, conceitos já problematizados anteriormente.

Ullmann (2006, p. 106) resgata o fato de as áreas de EF e Dança partilharem de uma mesma raiz, o corpo e o movimento humano, entretanto, afirma que filosoficamente se distanciam na atualidade, o que não concede o direito de uma das áreas subjugar a outra. “Elas podem se relacionar de maneira interdisciplinar, porém respeitando e conhecendo muito bem suas singularidades e competências.” Os embates entre essas duas áreas emergem, em especial, no fim dos anos de 1990 e início de 2000 quando o Conselho Nacional de EF (CONFEF) decidiu autuar profissionais de Dança que não eram filiados aos seus Conselhos Regionais (CREF). As argumentações da autora são totalmente coerentes uma vez que dois equívocos foram evidenciados: primeiro, sendo o de obrigar a filiação de profissionais da Dança no conselho e, segundo, o de considerar e incluir a dança como mera atividade física.

Contudo, no que se referem às DS, os dados levantados neste estudo, dentro da perspectiva de Ullmann (2006), situam essa vertente da dança mais próxima a EF, nomeadamente na área de saúde e lazer. Ainda que as vertentes de arte e cultura e Educação tenham sido exaltadas, tais iniciativas partem, maiormente, da EF. No mesmo contexto, ao olharmos no Quadro 07, as demais áreas que oferecem ações voltadas para as DS, na extensão universitária ou não, entendendo que as IES são espaços educacionais, parece-nos exaltar a proposição de Marques (2003, p. 17) de que: “É nesta perspectiva da diversidade e da multiplicidade de propostas e ações que caracterizam o mundo contemporâneo que seria interessante lançarmos um olhar mais crítico sobre a dança na escola [e na universidade].”

A perspectiva da diversidade e da multiplicidade (Marques, 2003) é também enaltecida quando tentamos identificar qual público essas ações atendem. Jovens, adultos e idosos são os mais evidenciados, uma vez que, várias das ações declaram o atendimento a universitários e comunidade externa às instituições concomitantemente. De forma direta, 08 ações se destinam ao público idoso e uma destaca o atendimento a crianças.

Essas informações nos remetem ao estudo de Andrade e Silva (2007) que, ao investigarem as relações intergeracionais nas DS entenderam que a busca por novos amigos, par romântico, saúde, diversão, prática de uma atividade física ou interesse a partir do que visualizaram na televisão, foram eixos motivadores da busca pelas DS. A pesquisa foi realizada em duas escolas de DS do Rio de Janeiro e envolveu pessoas de ambos os gêneros, com, no mínimo, dois anos de inserção nas atividades, organizados em três grupos por faixa etária: 14 e 20 anos, 20 e 50 e acima de 50 anos.

Para os investigados, a permanência nas aulas de DS assumiu diretrizes diferenciadas daquelas que os motivaram a iniciar, sendo elas: “a importância da amizade, do círculo social e da diversão para a continuidade da prática”. Neste contexto, “[...] a relação intergeracional está diretamente ligada a esses três fatores relatados acima, já que as aulas de dança de salão influenciam diretamente na união de pessoas, já que cada aula é praticada com uma pessoa diferente, não importando sua idade.” (Andrade; Silva, 2007, p. 54).

Considerando os aspectos geracionais, os dados por nós apresentados e os resultados da investigação de Andrade e Silva (2007), entendemos que as DS representam um tipo de grupo diferente que integra a sociedade e demarca suas configurações a partir da interdependência entre os sujeitos sociais (os bailantes) envolvidos.

Certamente podemos falar na dança em termos gerais, mas ninguém a imaginara como uma estrutura fora do indivíduo ou como uma mera abstração. As mesmas configurações podem certamente ser dançadas por diferentes pessoas, mas, sem uma pluralidade de indivíduos reciprocamente orientados e dependentes, não há dança (Elias, 1994, p. 250).

Percebe-se também uma “rede de interdependência” quando olhamos para os gêneros de DS anunciados nas ações, pela via de seus títulos ou na leitura de suas descrições quando especificadas (Quadro 10).

Quadro 10 - Gêneros de DS evidenciados nas ações

Gênero/Região	S	SE	CO	NE	N	Total
Danças de salão	01	01	10	11	15	38
Forró	04	14	05	04	02	29
Samba	02	13	03	01	-	19
Bolero	01	05	03	01	01	11
Zouk	01	03	02	01	-	07

Gênero/Região	S	SE	CO	NE	N	Total
Soltinho	-	04	01	-	01	06
Tango	01	03	01	-	-	05
Salsa	-	03	01	01	-	05
Bachata	-	01	-	-	01	02
Rasqueado	-	-	01	-	-	01
Sertanejo	01	-	01	-	-	02
Tecnobrega e melody	-	-	-	-	01	01
Dança de Salão Afrolatina	-	-	-	-	01	01
Total	11	47	28	19	22	127

Fonte: Autores/as (2023).

A partir das 80 ações de DS, 127 categorias foram levantadas, das quais 38 (30%) indicam apenas a expressão “dança de salão”, não detalhando, em sua maioria, quais gêneros são trabalhados. Forró e samba são os gêneros mais acionados na sequência, 29 (22,8%) e 19 (15%), destacando essas indicações para as ações sediadas na região sudeste. Ainda que o forró e o samba tenham suas origens na região nordeste, seu reconhecimento como gênero musical e de dança foram ressaltados na região sudeste fazendo desses gêneros umas das marcas do Brasil no contexto nacional e internacional (Franco *et al.*, 2024). De forma tímida, o levantamento nos apresenta novas vertentes que emergem no contexto nacional fora dos gêneros tradicionais que conhecemos, como é o caso do sertanejo, tecnobrega, melody e dança de salão afrolatina.

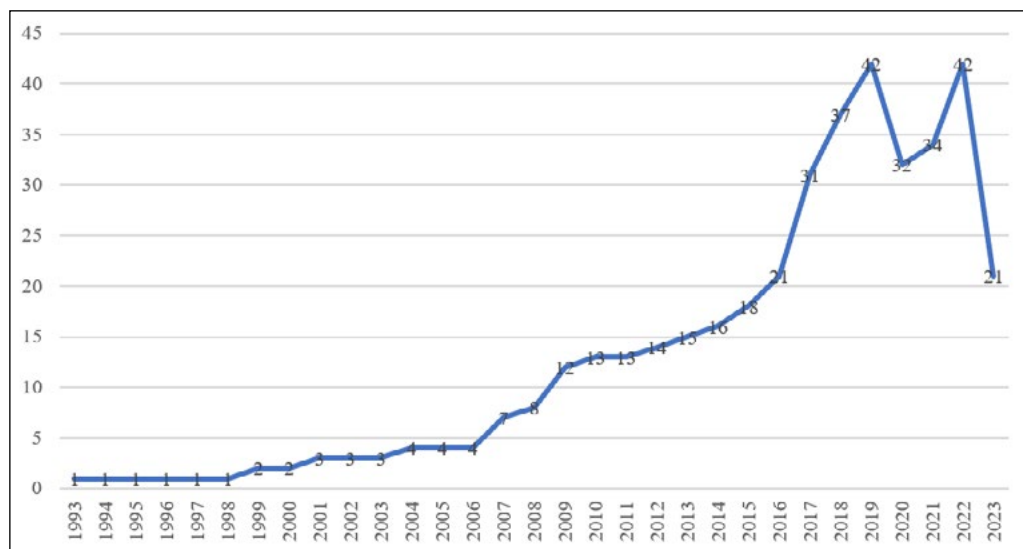
Ao utilizar-se da dança para esclarecer o conceito de configurações, Elias (1994) descreve que ela pode acontecer em dimensões menores ou maiores sendo inerente a sua gênese o processo de mudanças desencadeadas a partir das interdependências ocorridas entre os sujeitos. Do mesmo modo, uma configuração maior pode influenciar outras configurações menores e vice-versa. O autor exemplifica como configurações maiores as sociedades, mas, em nosso caso essa classificação se atribui à categoria “danças de salão”, prevalente nas descrições das propostas. Os gêneros específicos que insurgiram no trajeto do levantamento (forró, samba, bolero, *zouk*, soltinho, tango etc.) representariam formas de configurações menores, entretanto, entre DS e demais categorias, assim como entre essas demais categorias, evidencia-se a inerência de dependências existentes entre elas: “Da mesma maneira que as pequenas configurações da dança mudam – tomando-se ora mais lentas, ora mais rápidas – também assim, gradualmente ou com maior subitaneidade acontece com as configurações maiores que chamamos de sociedades.” (Elias, 1994, p. 450).

Assim, temos um conceito prevalente, danças de salão, que consegue abarcar diversos gêneros ou pode ser uma forma de designação de determinado gênero, exemplo, ‘o bolero é um gênero de DS’, portanto, integra essa configuração maior. Tal percepção nos leva ao pensamento de Elias (1994, p. 450) ao inferir que:

Desta maneira, o ponto de partida para o estudo do processo de formação do Estado é uma configuração constituída de numerosas unidades sociais relativamente pequenas, em livre competição umas com as outras. A investigação mostra como e por que essa configuração muda. Demonstra simultaneamente que há explicações que não revestem o caráter de explicações causais. Isto porque uma mudança na configuração é explicada em parte pela dinâmica endógena dela mesma, a tendência a formar monopólios que é imanente a uma configuração de unidades livremente competitivas entre si.

Ainda que nosso recorte temporal foi entre 2017 e 2022, os dados do gráfico 01, descritos e discutidos a seguir, exaltam uma “mudança de configuração” de como as DS são integradas ao contexto das IES públicas brasileiras.

Gráfico 01 - Quantitativo de ações de DS nas IES brasileiras por ano



Fonte: Autores/as (2023).

Os dados do gráfico 01 indicam a Universidade Aberta a Terceira Idade (UATI), da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), entre 1993 e 1998, como a primeira ação em DS registrada em IES brasileira. Em seguida, em 1999, com o Projeto Pleno Viver da Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG), o que demarca uma tímida, mas linear realização dessas ações até 2006. Ressalvamos também que as DS são inseridas no contexto das IES públicas brasileiras como integrante de ações mais amplas direcionadas ao público idoso e que se matem até o ano de 2023. A partir daí temos um crescimento considerado de ações que chegam ao seu ápice em 2019, recuando entre 2020 e 2021 em decorrência da pandemia da COVID-19 que afetou drasticamente as atividades acadêmicas – em especial aquelas de contato social –, retomando o seu ápice novamente em 2022, momento em que as atividades presenciais nas IES retornaram de vez. Identificamos também que 21 das ações prosseguiram vigentes no primeiro semestre de 2023.

Resgatando os dados do Quadro 08, o forró foi o gênero específico mais evidenciado, com 29 indicações, depois de “dança de salão” – que imprime um contexto mais amplo da modalidade. Historicamente o forró antecede o século XIX, mas, com grandes marcas de sua inserção no contexto brasileiro na primeira metade do século XX, mais especificamente em 1940, designado como forró tradicional. Todavia, sua divulgação no contexto nacional se deu com as vertentes do forró universitário e eletrônico, caracteristicamente nas décadas de 1990 e 2000, quando as festas de universitários eram animadas por bandas de forró, fato notavelmente iniciado na Universidade de São Paulo (USP) (Quadros Júnior; Volp, 2005). Em nosso levantamento duas ações se aproximam desse viés, também vinculados a região sudeste, em que universitários encabeçam propostas voltadas para as DS nas IES como é caso dos Universidade do forró (UFSJ), Projeto Dança UFF – dança de salão (UFF).

Essa trajetória do forró como gênero de dança dá ares de evidencia nos dados do gráfico 01, respaldando sua aparição entre os anos de 1990 e 2000, assumindo, como demonstra o gráfico, uma ascensão contínua a partir de 2007 até 2019. No sentido mais amplo, o forró é conteúdo inerente de quase todas as aulas de DS que, de certa forma, levando em conta a origem popular das DS, como já nos contou Faro (2004), revela uma proximidade com o cotidiano. Desta feita, sobre o forró, Quadros Júnior *et al.* (2009) explica a simplicidade e a humildade como simbiose, provavelmente justificando sua disseminação pelo Brasil inicialmente entre as classes sociais mais baixas, rapidamente alcançando o gosto também das classes sociais mais altas.

Neste trajeto, Moura *et al.* (2012, p. 50), ao analisarem eventos direcionados ao público idoso, apresentam o forró como “[...] uma realidade cada vez mais frequente e praticada pois propicia aos participantes alegria, descontração, prazer e novas amizades podendo ocorrer até mesmo namoros.” Nisso, considerando as ações de DS da UEFS e da UEMG voltadas para o público idoso, ainda que os registros encontrados não especifiquem os gêneros trabalhados, é cabível afirmar que o forró seja bastante presente nessas atividades.

Não diferente, o samba, segundo gênero específico mais descrito no Quadro 08, com 19 indicações, tornou-se outro símbolo nacional, outra expressão de extrema importância na cultura e identidade brasileira que também é divulgada por todo território nacional e internacional (Franco *et al.*, 2024).

Ainda em correlação com os dados do Quadro 08, o bolero foi o terceiro gênero de DS mais indicado. Tem sua inserção no contexto brasileiro por volta de 1940, sendo considerado para muitos profissionais como o gênero que oferece os elementos básicos para o ensino da maioria das DS, além de sua consistente tradição histórica como modalidade de dança a dois. Na sequência foram evidenciados a salsa, o tango e o soltinho que assumem visibilidade no Brasil na década de 1980 e a bachata e o zouk nos anos 2000, ressaltando que, ainda que não mencionada no levantamento, temos a lambada interpretada por várias autorias como antecedente

do zouk, que surge e ligeiramente alcança seu auge no final da década de 1980 e desaparece nos meados de 1990 (Franco *et al.*, 2024).

Com isso, entendemos que a história dos gêneros de DS descritos delineiam sua inserção no contexto social brasileiro que também passa a fazer parte de ações desenvolvidas nas IES públicas justificando, como aponta o gráfico 01, sua inexpressiva presença entre a década de 1990 e meados dos anos 2000, ampliando-se significativamente no final dessa década até 2022. No tocante às produções acadêmicas sobre DS, Franco *et al.* (2022) partilham dessa afirmativa. Em periódicos nacionais da EF as DS insurgem como temas investigativos por Volp (1995) e Deutsch (1997), seguidos de Freitas (2007) e Fonseca (2008).

Sob a percepção da teoria de Elias (1994, p. 450), as IES representam configurações menores que integram e atendem às demandas da sociedade – configuração maior. As DS tornam-se também configurações menores que aliadas às IES refletem imagens inerentes a essa sociedade. Como descreve o autor, configurações mudam a partir de duas explicações: “em parte pela dinâmica endógena dela mesma” – fato que nos parece evidenciado, por exemplo, na trajetória do forró que de um gênero identificado como inerente à população idosa passa a integrar as práticas de lazer e anseios artísticos também de jovens, com significativo despertar dentro de universidades; “a tendência a formar monopólios que é imanente a uma configuração de unidades livremente competitivas entre si” – representada pelo despertar de gêneros tradicionais ou não de DS nas IES que focam em alguns temas específicos, como samba, zouk, o forró, o tango etc., mas que também, ainda que não anunciados em algumas ações, consistem de unidades que denotam a configuração das DS nas IES públicas brasileiras, podendo serem mensuradas também quando olhamos para o período de vigência dessas ações.

Quadro 11 - Período de duração das ações de DS

Região/ Duração	01 dia	1 - 6 meses	01 ano	02 anos	03 anos	04 anos	05 anos	06-10 anos	11-20 anos	21-30 anos	Total
S	-	02	02	-	-	-	02	-	-	-	06
SE	-	04	05	-	01	01	03	05	04	01	24
CO	01	03	07	02	-	-	-	01	01	-	15
NE	-	01	-	04	-	01	01	02	06	01	16
N	01	02	07	06	-	-	02	01	-	-	19
Total	02	12	21	12	01	02	08	09	11	02	80

Fonte: Autores/as (2023)

O Quadro 11 nos apresenta que as ações voltadas às DS nas IES foram prevalentes em período de duração de 01 ano, 21 delas, representando 26% da mostra. Os períodos de 01 a 06 meses e 02 anos receberam igual indicação, 12 (15%). Todavia, ressalta-se principalmente o período de 11 a 20 anos com 11 ações (13,7%), denotando consistência na configuração das DS nas IES, aspecto que se

torna significativo também ao verificarmos 09 ações com duração entre 06 a 10 anos e 08 com 05 anos.

Esses dados confirmam, como já sinalizado por Elias (1994), a impossibilidade de visualizar a dança, ou as DS, como uma estrutura abstrata ou a parte do indivíduo. Essas configurações se materializam interligadas a diferentes pessoas que, no caso de nossa investigação, estão vinculadas a diferentes IES brasileiras, em suas cinco regiões, interligando ensino, pesquisa e extensão (Silva, 2000; Paula, 2013).

Desta feita, retomando as discussões anteriores (IES, regiões do país, tipos de ações, gêneros de DS, populações envolvidas, formação profissional, área de atuação, cronologia e vertentes das DS, período de duração etc) acreditamos que as configurações das DS nas IES brasileiras são ‘bailadas’ por distintas pessoas em variados espaços e tempos, denotando “uma pluralidade de indivíduos reciprocamente orientados e dependentes”, sem os quais, “não há dança” (Elias, 1994, p. 250).

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo como recorte temporal o período entre 2017 e 2022, este estudo descreve, investiga e problematiza o lugar ocupado pelas DS nas IES públicas brasileiras, partindo da correlação de fontes bibliográficas e documentais. Entre referências do campo da dança, das DS, da Educação, as teorias de Elias (1994) foram essenciais, conduzindo-nos a entender que as DS são configurações sociais estruturadas a partir de redes de interdependências dos seres humanos em sociedade. Por isso a questão norteadora: quais configurações delineiam o lugar ocupado pelas DS nas IES públicas brasileiras?

Sistematizando os dados levantados e analisados, no contexto nacional, das 283 IES públicas que o integram, 80 ações voltadas para as DS foram identificadas em 51 IES, sendo 62 cadastradas como extensão universitária e 18 em outras modalidades. Dessas ações, 46 tinham como foco específico as DS e, nas outras 34, as DS integravam um rol de atividades oferecidas.

Inicialmente acreditávamos que EF e Dança seriam as áreas em que ações sobre DS estariam vinculadas, mas os dados levantados nos conduziram a outras confirmações. Trinta das ações se vinculavam à área de EF e evidenciou-se também propostas advindas das Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Agrárias, Ciências Sociais aplicadas e Linguística, Letras e Artes. Não foi identificado indícios de ações de extensão ou outras vertentes protagonizadas pela área da Dança, ressaltando dois possíveis motivos: desinteresse da área de Dança sobre o tema ou a falta de acesso a essas informações junto às IES investigadas.

No que se refere a extensão universitária, que foi prevalente como forma de ações em DS nas IES, no contexto mais amplo, as páginas das PROEX são extremamente deficientes no registro de suas ações, o que se tornou um grande complicador da investigação, gerando limitações sobre o levantamento apresentado.

As vertentes da saúde, 36 indicações, e do lazer, 33, prevalecem como norteadoras dessas ações aproximando-as, em sua maioria, de abordagens de saúde e qualidade de vida e, concomitantemente, à área de EF. A estreita relação dessa modalidade de dança às manifestações populares parece justificar essa afirmativa, considerando que a extensão universitária tem como foco aproximar a sociedade da universidade, sendo tais manifestações da cultural corporal um dos caminhos propícios para este fim.

Sobre o público atendido pelas 80 ações, jovens, adultos e idosos foram destacados, uma vez que vários dos projetos declaram o atendimento a universitários e comunidade externa às instituições. De forma diretiva, 08 ações se destinam ao público idoso e uma destaca o atendimento a crianças.

A partir das 80 ações de DS, 128 categorias foram levantadas, das quais 38 indicam apenas a expressão “dança de salão”. Forró e samba são os gêneros mais acionados na sequência, 29 e 19, respectivamente, destacando essas indicações para as ações sediadas na região sudeste. Ainda que o forró e o samba tenham suas origens na região nordeste, seu reconhecimento como gênero musical e de dança foram ressaltados na região sudeste, fazendo desses gêneros uma das marcas do Brasil no contexto nacional e internacional.

Identificamos que o primeiro registro de ação de DS aconteceu em 1993 via UATI da UEFS, seguido, em 1999, do Projeto Pleno Viver da UEMG. Constatamos uma tímida, mas linear realização dessas ações até 2006, que também nos informam que as DS foram inseridas no contexto das IES públicas brasileiras como integrante de programas direcionadas a idosos e que se matem até o ano de 2023. Neste trajeto, exalta-se um crescimento considerado de ações que chegam ao seu ápice em 2019, recuando entre 2020 e 2021 devido à pandemia da COVID-19, retomando o seu ápice novamente em 2022. Ações com duração de um dia a 30 anos foram identificadas no levantamento, sendo sua maioria, 21 delas, com duração de 01 ano e duas entre 21 e 30 anos.

Por fim, as DS delineiam configurações sociais marcadas por uma rede de interdependência entre sujeitos e saberes do cotidiano e da ciência, que adentram as IES públicas brasileiras e propõem a produção de saberes nas dimensões formais e não formais da educação.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Michely S.; SILVA, Carlos A. F. Dança de salão e relações intergeracionais. **Corpus et Scientia**, Rio de Janeiro, ano 3, v. 3, n. 1, p. 40-57, maio 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Carlos-Alberto-Figueiredo-Da-Silva/publication/362788742_Danca_de_salao_e_relacoes_intergeracionais/links/62fee68eeb7b135a0e4612c0/Danca-de-salao-e-relacoes-intergeracionais.pdf. Acesso em: 10 jan. 2024.

ARNAY, José. Reflexões para um debate sobre a construção do conhecimento na escola: rumo a uma cultura científica escolar. In: RODRIGO, Maria José; ARNAY, José (org.). **Conhecimento cotidiano, escolar e científico: representação e mudança**. São Paulo: Ática, 1998. p. 37-53.

BRASIL. Ministério da Educação. Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior. **Cadastro e-MEC**. 2023. Disponível em: https://emec.mec.gov.br/modulos/visao_comum/php/login/comum_login.php?691ba69561e311dd66adaae89947c631=YWJhX21hbnRpZGE=. Acesso em: 12 fev. 2024.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino de Educação Física** – São Paulo: Cortez, 1992.

DEUTSCH, Silvia. **Musica e dança de salão: interferências da audição e da dança nos estados de ânimo**. 1997. 165f. Tese (Doutorado em Psicologia Experimental) - Psicologia, Departamento de Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/lil-197304>. Acesso em: 03 jan. 2024.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes** (vol. 1). Trad. Ruy Jungmann. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

FARO, Antônio Jose. **Pequena história da dança**. 6. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FONSECA, Cristiane C. **Esquema Corporal, Imagem Corporal e Aspectos Motivacionais na Dança de Salão**. 89f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) –Faculdade de Educação Física, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2008. Disponível em: http://www.usjt.br/biblioteca/mono_disser/mono_diss/078.pdf. Acesso em: 13 jan. 2024.

RANCO, Neil *et al.* **Espetáculo Itinerante: história das danças de salão**. Nova Xavantina: Pantanal, 2024. Disponível em: <https://editorapantanal.com.br/ebooks/2021/espetaculo-itinerante-historia-das-dancas-de-salao-as-raizes-dos-ritmos-volume-i/ebook.pdf>. Acesso em: 23 jul. 202. DOI: 10.46420/9786588319734.

FRANCO, Neil *et al.* Vamos Dançar?: Danças de Salão, Educação Física e Educação. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, p. 451-480, jul./set. 2022. Disponível em: <http://periodicos eletronicos.ufma.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/15744>. Acesso em: 28 jan. 2025. DOI: 10.18764/2178-2229v29n3.2022.56.

FRANCO, Neil. Autobiografia de um “Pés de Valsa”: a construção do artista-professor-formador em Danças de Salão. **Arquivo em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 176-201, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/Biografia/pdf%20DS%20biografia>. Acesso em: 23 maio 2025.

FREITAS, G. A. **Motivos de condução, permanência e abandono de adultos praticantes de dança de salão da cidade de Florianópolis**. 2007. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ed. Física) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

GADOTTI, Moacir. A questão da educação formal/não-formal. Institut International des droits de l'Enfant (ide). 2005. Disponível em: http://www.virtual.ufc.br/solar/aula_link/llpt/A_a_H/estrutura_politica_gestao_organizacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Forma Formal_Nao_Forma Formal_2005.pdf. Acesso em: 12. fev. 2024.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Esta É a Questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 2, n. 22, p. 201-209, mai./ago. 2006. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722006000200010 Acesso em 13 mai. 2021.

PAIVA, Annelise Gomes de. **Saberes docentes e histórias de vida de professores/as de Danças de Salão de Juiz de Fora – MG**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Juiz de fora, Juiz de Fora, 2023.

ULLMAN, Lisa. O descompasso da Educação Física e da Dança. In: STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: a formação artística da dança**. 4. ed. Campinas, SP: papirus, 2006. p. 95-111.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003. 206 p.

MATTOS, Mauro Gomes; ROSSETTO JUNIOR, Adriano José; BLECHER, RShelly. **Metodologia da pesquisa em educação física: construindo sua monografia, artigos e projetos**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: phorte, 2008. 223 p.

MOURA, Ednaja f. S.; SOUZA, Elianete M. M.; MEDEIROS, José R.; MARACAJÁ, Kettrin F. Turismo na terceira idade: uma análise do forró dos idosos na cidade de Currais Novos – RN. **Revista Querubim** – revista eletrônica de trabalhos científicos nas áreas de Letras, Ciências Humanas e Ciências Sociais, Niterói – RJ, ano 08, v. 2, n. 16, p. 59-67, 2012. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/querubim/issue/archive/2>. Acesso em: 10 jan. 2024.

PAIVA, Annelise G. **Saberes docentes e histórias de vida de professores/as de danças de salão de Juiz de Fora – MG**. 2023. 203 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023. Disponível em: <https://repositorio.uff.br/jspui/bitstream/ufff/15777/1/annelisegomesdepaiva.pdf>. Acesso em: 10 maio 2024.

PAULA, João A. A extensão universitária: história, conceito e propostas. **Interfaces** - Revista de Extensão, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 05-23, jul./nov. 2013. Disponível em: <http://www.dche.ufscar.br/extensao/Aextensouniversitariahistriaconceitoepropostas1.pdf> Acesso em: 24 nov. 2023.

QUADROS JÚNIOR, Antônio C. *et al.* Caracterização do Xote e o Baião dançados no interior do Estado de São Paulo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 233-247, jul./set. 2009. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/handle/11449/20809>. Acesso em: 22 jan. 2020.

QUADROS JÚNIOR, Antônio C.; VOLP, Cátia. Forró Universitário: a tradução do forró nordestino no sudeste brasileiro. **Motriz**, Rio Claro, v. 11, n.2, p. 127-130, mai./ago. 2005. Disponível em: <https://biblat.unam.mx/pt/revista/motriz/articulo/forro-universitario-a-traducao-do-forro-nordestino-no-sudeste-brasileiro>. Acesso em: 23 mar. 2020.

RIED, Bettina. **Fundamentos de dança de salão**. Londrina: midiograf, 2003. 205 p.

SIDONE, Otávio J. G.; HADDAD, Eduardo A.; MENA-CHALCO Jesús P. A ciência nas regiões brasileiras: evolução da produção e das redes de colaboração científica. *TransInformação*, Campinas, v. 28, n. 1, p. 15-31, jan./abr., 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tinf/v28n1/0103-3786-tinf-28-01-00015.pdf> Acesso em: 09 fev. 2023.

SANTIAGO, B. G.; FRANCO, N. Dança na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (1979-2014). **Motrivivência**, Florianópolis, v. 27, n. 45, p. 189-208, set. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2015v27n45p189>. Acesso em: 20 maio 2025.

SILVA, Maria das Graças Martins. **A extensão: a face social da universidade**. Campo Grande: Ed. UFMS, 2000.

ULLMANN, Lisa. O descompasso da dança e da educação física. In: STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: a formação artística da dança**. 4. ed. Campinas, SP: papirus, 2011. p. 95-111.

VOLP, Catia M.. A Dança de Salão como um dos conteúdos de dança na escola. **Motriz**, Rio Claro, v. 16 n. 1, p. 215-220, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/1980-6574.2010v16n1p215/2887>. Acesso em: 20 jan. 2024.

VOLP, Catia M.; DEUTSCH, Silvia; SCHWARTZ, Gisele M. Por que dançar? Um Estudo comparativo. **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 52-58, jun. 1995. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/962>. Acesso em: 19 jan. 2024.

ZAMONER, Maristela. Dança de Salão e publicações científicas em periódicos indexados. **EFDeportes.com**: Revista Digital, Buenos Aires, ano 15, n. 150, p. 1-17, nov. 2010. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd150/danca-de-salao-em-periodicos-indexados.htm>. Acesso em 20 mar. 2021.